

# Um Capelão do Exército na Guerra do Paraguai

Major De Paranhos Antunes

FREI FIDELIS D'AVOLA — Os serviços prestados com abnegação e caridade ao exército brasileiro, na guerra do Paraguai, pelo capuchinho Frei Fidelis D'Avola foram sem conta e inestimáveis. Era Frei Fidelis napolitano, mas, logo que iniciámos a guerra, ofereceu-se para seguir como capelão junto a qualquer força.

O Ministro da Guerra, aceitando os seus serviços, nomeou-o, a 19 de maio de 1865, para servir no Exército do Sul, em operações ainda no Estado Oriental, sob o comando de Osório. O aviso do ministério da guerra daquela data declarava que eram nomeados os religiosos capuchinhos Frei Fidelis d'Avola e Frei Jerônimo do Monte Fiori para servirem no exército de Osório “sendo empregados nos hospitais com um subsídio equivalente ao soldo e etapa que vencem os Capelães Alferes do Exército sem perceberem mais outras vantagens além de uma besta de bagagem quando estiverem em marcha, ficando-se na inteligência de que os ditos religiosos seguem para o seu destino acompanhados por um servente de nome Manoel José, o qual vencerá as vantagens de enfermeiro do Exército”. Este aviso foi transcrito por Osório em sua ordem do dia n.º 33, de 7 de junho de 1865.

O exército brasileiro possuía um hospital de sangue em Montevidéo e outro em Salto. A 2 de julho de 65, porem, Osório, com aquela sua poderosa capacidade de administrador, organisava um hospital ambulante chefiado pelo 1.º cirurgião, dr. Praxedes Gomes de Souza Pitanga, auxiliado por mais 4 médicos, um almoxarife, um escrivão, um enfermeiro-mór, 3 cabos enfermeiros, 6 serventes, e tendo como capelães os reverendos Américo Augusto de Carvalho Coelho dos

Santos, Frei Fidelis d'Avola; Frei Jerônimo do Monte Fiori e o já citado Manoel José, na qualidade de acólito.

Começam daí os valiosos serviços de Frei Fidelis d'Avola ao exército nacional.

Em 3 de setembro do mesmo ano, em vista do grande número de doentes, e por ser contraproducente a reunião de muitos enfermos em um só lugar, resolveu Osório dividir o hospital ambulante referido em 5 secções, correspondentes ás 4 divisões do exército e a uma brigada de artilharia, ficando o capuchinho Frei Fidelis adido á primeira secção.

Osório, por esse tempo, trabalhava ativamente na organização do exército confiado ao seu comando, reclamando até um "altar portatil para o serviço religioso" em campanha.

A vida de Frei Fidelis ia ser daí por diante, durante os ásperos 5 anos de guerra, pelos acampamentos, a vida do soldado e do missionário ao mesmo tempo.

Quando Osório tomou pé em territorio Paraguaio, no Passo da Pátria, tinha ao seu lado três sacerdotes capelães, entre os quais o nosso capuchinho. O 1.º corpo de Exército possuía 19 capelães, todos pertencentes á repartição eclesiástica, afóra os capelães, em comissão, que acompanhavam os corpos de voluntários da pátria.

Taes serviços prestou o abnegado Frei Fidelis, ao pizarem nossas forças o sólo inimigo que Osório fez-lhe duas citações elogiosas em ordem do dia sendo a primeira na de n.º 153, do teór seguinte:

"São também dignos de menção os sacerdotes que têm acompanhado nos hospitais de sangue o corpo de saúde, especialmente o reverendo Frei d'Avola, que com verdadeira caridade evangélica consolava os feridos, prestando-lhes ao mesmo tempo, pessoalmente, todos os serviços tendentes a minorar os seus sofrimentos". E logo a seguir, na ordem do dia n.º 156, de 28 de maio de 1866, dizia o grande Osório: "O reverendissimo missionário capuchinho, Frei Fidelis D'Avota é também credor de particular menção, pela caridosa dedicação, desvelo e zelo que tem sempre consagrado a nossos feridos e enfermos".

Além dos dois elogios do general Osório, o Brigadeiro Jacinto Pinto de Araujo Corrêa, chefe do Estado Maior, também, por sua vez, citou Frei Fidelis em sua parte de combate, pondo em destaque as suas qualidades de sacerdote.

O nome do humilde e bom capuchinho chegára até o sólio imperial e D. Pedro II mandou elogiá-lo, ficando registado, em ordem do dia, do ministério da guerra, o seguinte a seu respeito: "Por aviso, datado de 20 de junho próximo findo, mandou Sua Majestade o Imperador louvar os bons serviços do revendo missionário Frei Fidelis D'Avola (siliciano), que se tornou digno de menção especial entre os sacerdotes que têm acompanhado o corpo de saúde nos hospitais de sangue do 1.º Corpo do Exército em operações contra o Paraguai pela verdadeira caridade evangélica com que êle consolava os feridos prestando-lhes ao mesmo tempo, pessoalmente, todos os serviços tendentes a minorar seus sofrimentos como consta da ordem do dia do comando em chefe do mesmo corpo de exército sob n.º 153, de 11 de maio ultimo (1866).

E foi, pelos seus méritos de sacerdote, querido e acatado pelos soldados do Brasil, que o Império, a 27 de julho de 1866, concedeu-lhe as honras de capitão capelão, "em atenção aos relevantes serviços prestados ao 1.º Corpo de Exército em operações contra a República do Paraguai".

A 24 de maio de 1866 feria-se a grande batalha de Tuiuti, tendo Frei Fidelis, como sempre, sido incansavel, no seu sagrado ministério, razão porque foi elogiado pelo dr. José Muniz Cordeiro Gitahi, chefe da ambulância volante da 1.ª Divisão do Exército, "pelos serviços que prestou, quer no exercício de seu ministério, quer auxiliando na acomodação e transporte dos feridos". E o número de feridos socorridos nesse memoravel dia, só pela ambulancia da 1.ª Divisão, foi superior a 300!

Nos dias 16 e 18 de julho do mesmo ano, travaram-se outros dois sangrentos combates e o já citado cirurgião mais uma vez citou Frei Fidelis, em sua parte regulamentar, sendo que o chefe da 1.ª secção dessa ambulância declarou ao doutor Gitahi que Frei Fidelis se portou "com a maior dedicação e piedade religiosa, não só prestando socorros espiri-

tuais aos que deles precisavam, mas também auxiliando eficazmente na melhor acomodação dos feridos”.

Quando, em 1868, os paraguaios, depois de muitos meses de um cerco cada vez mais apertado, abandonaram a célebre Humaitá, foram, dias depois, cercados nas matas próximas. Narra, a propósito, o general Bernardino Bormann, em sua “Historia da Guerra do Paraguai”: “Ao saber o marechal Caxias que muitas mulheres e crianças eram dilaceradas pela nossa metralha, condeu-se e, obedecendo aos seus elevados sentimentos de humanidade, encarregou o venerando capitão do exército Frei Fidelis d’Avola para, em nome da religião, intimar a guarnição a que se rendesse, certa de que a vida lhe seria poupada. Duas vezes o sacerdote, acompanhado de algumas pessoas, levando bandeira parlamentar, dirigiu-se á trincheira inimiga; mas a metralha de 6 canhões e uma viva fuzilaria, fizeram-no recuar”. A mesma tentativa ia ser feita pelo padre Esmerate, poucos dias depois.

Diz José Leite da Costa Sobrinho, em um artigo: “Foi a 11 de dezembro de 1868. Pelejava-se no potreiro Val de Vinos, nas margens do arroio de Avaí, a sangrenta batalha desse nome; mesclava-se o ribombo dos canhões de guerra com o rolar lúgubre dos trovões do ceu, pois desabára tremenda tempestade... Chegára o momento culminante da batalha. Dois batalhões brasileiros, o 36º e o 44.º de voluntários da Patria, colocando no centro da linha inimiga, faziam frente heroicamente ao infernal fogo dos paraguaios. O legendário general Osório está á nossa frente; compreende o general paraguaio que havia chegado o momento decisivo da ação e, á frente dos seus 4.000 lanceiros, dá o sinal de carga... Neste momento aparece a figura veneranda de Frei Fidelis e, levantando o crucifixo que trazia na mão direita, lança a absolvição nos batalhões brasileiros; estes dominados pelo instinto religioso prostam-se de joelhos e assim recebem a sagrada benção! Isto redobra o valôr de nossos soldados, a terrível carga da cavalaria paraguaia é rechaçada á ponta de baioneta, e os nossos bravos avançam a passo de carga sôbre a artilharia inimiga, que é tomada de assalto, declarando-se

uma hora depois esplêndida vitória". Eis aí um rasgo heróico do grande capuchinho, que bem diz o que valia como sacerdote. O mesmo autor acima declara que Frei Fidelis saía quasi nú dos combates, rasgando suas vestes para pensar os feridos e que o seu soldo era gasto nos hospitais com os doentes.

Caxias, na sua longa ordem do dia n.º 272, de 14 de janeiro de 1869, diz que os médicos no tratamento dos feridos foram em tão santa missão dignamente coadjuvados pelo corpo eclesiástico, salientando o nome de Frei Fidelis. Após esta ordem do dia, Caxias deixou o Comando, sendo substituído pelo Conde D'Eu. Taunay, o imortal autor de "A Retirada de Laguna", que acompanhou o Conde d'Eu, na última fase da Guerra, narra em seu livro "Recordações" este fáto. Luque, vilota do Paraguai, fôra ocupada pelas nossas forças, em principios de 1869. Havia ali uma pequena igreja. A 25 de abril, escrevia Taunay, em seu diário: "Nesta igreja, todas as noites dá-se um tocante espetáculo. É o virtuoso Frei Fidelis d'Avola, o bom e tão util capuchicinho, que reza o terço acompanhado pela voz comovente do pobre soldado. Aí acodem êles de motu-próprio a erguerem á virgem as sentidas palavras da ladainha; depois ouvem as exhortações do sacerdote, e esses homens, ao menos uma vez por dia, têm momentos de meditação religiosa tão util nesta vida de lutas".

Lê-se, no diário do Exército, as ocorrências do dia 11 de julho de 1869, domingo: "Ás dez horas da manhã chegaram pelo primeiro trem da estrada de ferro os srs. conselheiro Paranhos e dr. Roque Péres com os seus respectivos secretários. Depois do almoço, Sua Alteza, seguido de numeroso estado maior, dirigiu-se ao campo onde se achava em parada o 1.º corpo de exército e recebeu a continência feita pelo tenente general Visconde do Herval. Galopando pela frente e retaguarda de toda a fôrça que se havia alinhado em duas linhas paralelas em razão da estreiteza do terreno, Sua Alteza foi em seguida apear-se junto ao altar, erecto de véspera, e onde, ás onze horas e meia, Frei Fidelis d'Avola celebrou a missa. Finda ela começou a cerimonia do benzimento das bandeiras ao som das músicas e das salvas de artilharia que fize-

ram-se também ouvir por ocasião da elevação da Sagrada Hóstia". Essa brilhante festa cívico-religiosa terminou com a entrega de medalhas de mérito militar a alguns dos nossos bravos soldados.

Retratando, moralmente, o querido capuchinho deixou-nos Taunay algumas linhas, em um dos seus livros, bastante expressivas: "Não era Frei Fidelis homem instruído como geralmente sucede aos padres de sua ordem, recrutados quasi sempre para pregar ás massas populares, mas tinha grande coragem e sangue frio e era eminentemente caridoso e abnegado. Digno de grande respeito, distinguia-se pelo seu espirito cristão e sacerdotal, quer no campo de acção, quer na prática da declaração hospitalar. E como êle se apontam diversos..." Este, o valioso testemunho de Taunay, que conheceu de perto a Frei Fidelis e, pôde-se dizer, foi o nosso único cronista da guerra do Paraguai, deixando preciosas e vigorosas impressões, não só em seu livro máximo "A Retirada da Laguna" como em "Recordações" e em "Cartas da Campanha".

Lopez dava os últimos extertores. Encurralado nas Cordilheiras, ali vivia qual extranha fêra, de grotta em grotta, de vale em vale, cada vez mais feroz e sanguisedento e, dia a dia, mais cercado e mais falho de recursos. Tinha seus dias contados o tirano.

Frei Fidelis podia, enfim, descansar. Quantos horrores vira o devoto capuchinho?! Para quantos teria dado a extrema-unção, ministrando o sagrado viático?! Quantos sofrimentos minorara a sua comprovada caridade. E de que bençãos lhe não cobriram esses mesmos soldados que, num leito de hospital, ausentes da pátria e da familia, tiveram junto de si, êste e outros sacerdotes, representantes do Eterno neste vale de lágrimas, consolando suas dores e aflições!...

Terminada sua missão junto ás nossas forças, o Inter-núncio Apostólico, enviado por Pio IX ao Brasil, nomeou Frei Fidelis vigário forâneo da diocese da República do Paraguai. O diario do Exército de 4 de janeiro de 1870 registou: "Tendo, em data de 14 do mês passado, o Sr. D. Serápio Ma-

chain, secretário das relações exteriores do governo provisório do Paraguai, comunicado a Sua Alteza que, pelo Inter-núncio Apostólico e enviado extraordinário da Santa Sé no Brasil, fôra nomeado vigário forâneo da diocese da república o missionário capuchinho Frei Fidelis Maria d'Avola, o qual, como capelão do exército brasileiro, carecia de licença para transportar-se a Assunção afim de desempenhar suas importantes funções, respondeu o sr. Príncipe que satisfazia gostoso tão justo pedido e que com brevidade seguiria de Curuguatí aquele missionário". E, poucos dias depois, com o carinho de todos, despedia-se o glorioso capuchinho do exército, a que tanto servira.

De regresso ao Brasil, anos mais tarde, veio Frei Fidelis a falecer de um ferimento de bala recebido em sua cela, por ocasião da revolta da armada no Rio. E assim findou sua util existência, ainda ouvindo o sibilar das balas!

